

## A âncora da Santa Maria: itinerário de um objeto museal

Fritz-Gérald Louis

### Introdução

Este ensaio<sup>1</sup> não pretende dar uma visão completa da âncora da Santa Maria, nem fazer um balanço do alvoroço midiático que o anúncio da suposta descoberta<sup>2</sup> do naufrágio da nau de Cristóvão Colombo causou desde 2003. Ele pretende ser um relato da vida social da âncora, levando em conta os diferentes regimes de valor que ela enfrentou no tempo e no espaço. Em outras palavras, é uma biografia do objeto desde o Grande Norte do Haiti até sua casa atual, o Museu do Panteão Nacional Haitiano (MUPANAH) em Porto Príncipe. O quadro teórico é fornecido pelo livro do antropólogo Arjun Appadurai *A vida social das coisas: Um objeto é o resultado de um longo processo e de mudanças no regime de valor em uma dada estrutura espaçotemporal*. Segundo Appadurai, além de sua função primária, o objeto passa por diferentes contextos e adquire diferentes status ao interagir com os ecofatos<sup>3</sup> ou com artefatos. O objetivo não é apenas tornar visível a história da âncora antes de sua integração na coleção nacional haitiana, mas também sua existência dentro dela.

### Apresentação do objeto

A âncora da Santa Maria, encontrada ao largo da Baía de Caracol<sup>4</sup> no final do século XVIII, tem quatro metros de altura. Ela é exibida hoje diante de gravuras que retratam a vida social dos taínos, seu genocídio e objetos militares ibéricos. É reconhecida como uma das peças-chave<sup>5</sup> do MUPANAH. Ela é um traço de uma visão do mundo expansionista e oferece a emoção de um encontro com o final da Idade Média europeia.

Há quinhentos anos, em agosto de 1492, três navios ancoraram em águas espanholas e chegaram - por engano - a um destino desconhecido. Estes eram o Pinta, o Niña e o Santa Maria, o maior dos três, no qual o Almirante Cristóvão Colombo (1451-1506) estava viajando e que nunca mais voltaria à Espanha. Considerado uma nau, devido à sua proporção, o Santa Maria pertencia ao cartógrafo e capitão do navio Juan de la Cosa (cerca de 1460-1510). O navio era destinado ao comércio. A localização exata de sua construção ainda é incerta. No entanto, uma abundância de literatura sugere ou a região da Galícia ou a cidade de Santander, nas Astúrias. Essas são duas regiões costeiras atlânticas da Espanha, conhecidas pela construção desse tipo de embarcação.

1 Primeiramente, gostaria de agradecer a Carlo Célius por suas sugestões, comentários e relevância na revisão do texto. Em segundo lugar, gostaria de agradecer a Gérald Alexis por me conceder uma entrevista para a amplificação do artigo e, finalmente, a Jocelyne Désir, por seu apoio emocional durante o processo de redação.

2 Ver o relatório preliminar da missão *Cap-Haïtien*, elaborado em setembro de 2014 por especialistas da UNESCO, do Ministério da Cultura e do Escritório Nacional de Etnologia.

3 *Um ecofato* é definido como um objeto de museu de origem natural.

4 Comuna localizada na zona nordeste do Haiti.

5 Neologismo cunhado pelo museólogo Yves Bergeron (2016).

A nau e a caravela se diferem pelo princípio de sua construção. A nau era mais lenta, menos leve e menos manobrável do que a caravela. Por outro lado, era mais forte, maior e tirava mais partido da água do que uma caravela. Por ser de grande porte, foi destinada a transportar grandes carregamentos de volta para a Espanha.

## Saída da âncora

Em 12 de outubro de 1492, dois meses após deixar o porto de Palos, o navegador lançou âncora para percorrer o arquipélago das Bahamas. Alguns dias depois, ele ordenou que a âncora fosse novamente levantada, para lançá-la ainda uma vez, em 28 de outubro do mesmo ano, ao largo da atual Cuba. Colombo e sua tripulação partiram então novamente para continuar sua exploração e, em 5 de dezembro, o almirante aportou na ilha de Ayiti.<sup>6</sup> Ele passou os dias seguintes a explorar a costa dessa ilha e a negociar com os taínos. No dia de Natal, por volta das onze horas da noite, a Santa Maria naufragou em um recife de corais, o que pôs fim à sua aventura marítima.

O diário de bordo de Colombo revela que ele mandou construir um forte com a permissão do Cacique Guacanagaric,<sup>7</sup> chamado "Natividade",<sup>8</sup> em honra ao nascimento de Jesus Cristo. O forte foi construído com os restos mortais da nau perto do local onde ocorreu o naufrágio. Ainda não sabemos se a âncora foi resgatada e trazida para terra pelos marinheiros espanhóis. Mais tarde, ela terá uma nova vida social como objeto de exposição.

## Início do novo regime da âncora

Apesar de sua fama, a trajetória da âncora antes de sua chegada ao MUPANAH é um assunto relativamente inexplorado. Surgem várias questões relativas à sua procedência, seus movimentos e seus modos de apresentação. O objetivo deste texto é contribuir para a sua biografia e sua integração na coleção nacional haitiana.

A âncora foi descoberta em 1781 na residência Fournier de Bellevue, no município de Caracol, por franceses que lá viviam. Essa descoberta deveu-se ao trabalho de limpeza realizado para evitar depósitos aluviais que corriam o risco de formar pântanos. Em *La description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie Ouest de l'isle de Saint-Domingue* (1798),\* Moreau de Saint Méry descreve a localização exata da âncora e analisa a forma física do objeto após sua exumação. Samuel Morrison, por sua vez, em seu livro *Route of Columbus Along the North Coast of Haiti* (1940), concorda com seu predecessor a respeito da localização e da data exata de sua descoberta.

Em um estudo realizado em 1894 pelo Barão Émile Nau, vemos o início da nova vida da âncora. Sob a presidência de Florvil Hyppolite (1828-1896), a âncora mais famosa do século XV foi transportada para Porto Príncipe aos cuidados do então Ministro do Interior, Saint-Martin Dupuy, em setembro de 1892, para ser colocada no Palácio Na-

6 Na língua dos taínos, os primeiros habitantes da ilha, a palavra significa terra de altas montanhas.

7 Cacique do Caciquat le Marien, ele é considerado um homem xenófilo, pacífico e conciliador.

8 Vale a pena mencionar que o Forte da Natividade é o primeiro assentamento europeu no Novo Mundo.

\* A descrição topográfica, física, civil, política e histórica da parte oeste da ilha de Santo Domingo (1798).

cional (Nau 1894: 361). A âncora muda de regime de valor pela primeira vez, como sugere Appadurai. Enquanto a mudança permitiu que a âncora fosse integrada nas celebrações de 12 de outubro, data que marca a intrusão de Colombo no Caribe,<sup>9</sup> a celebração foi um evento importante para o governo, pois permitiu colocar os haitianos em uma temporalidade associada à geopolítica. Além disso, essa celebração tinha, em nossa opinião, uma dupla vocação. Por um lado, era uma referência ao passado que já não existe mais e, por outro, ela o compartilhava.

## Itinerário museal

Um ano depois, em 1893, o Haiti foi convidado pelo governo americano para participar da Feira Mundial de Chicago, cujo tema era o *400º aniversário da chegada do explorador Cristóvão Colombo ao Novo Mundo*. O governo haitiano enviou uma coleção de obras literárias, bem como objetos preciosos como a âncora para o pavilhão da República do Haiti (Dugué, 1893: 84). Em um artigo sobre a Feira Mundial de Chicago, Charles Forsdick aponta que o Haiti esteve presente por duas razões principais (Forsdick, 2014: 271). Em primeiro lugar, foi para contrariar as muitas representações negativas do país para atrair viajantes estrangeiros. A segunda razão foi apresentar a única testemunha tangível da chegada de Colombo à América, complementando a exposição de navios reconstruídos. A presença desse objeto sinalizou a centralidade histórica do Haiti nos relatos da descoberta das Américas e, ao mesmo tempo, reafirmou sua soberania diante do expansionismo americano. A âncora foi exibida verticalmente e de forma oblíqua sobre uma base retangular. Em seu entorno foram expostos jornais haitianos publicados sob o governo de Florvil Hyppolite, obras de autores haitianos, espécimes agrícolas e produtos alimentícios (il. 1).<sup>10</sup> Vale notar que as obras literárias expostas perto da âncora, juntamente com objetos que pertenciam aos heróis da independência e outros objetos haitianos, constituíam uma museografia que poderia ser chamada de "contradição". Por um lado, a exposição pretendia ser um testemunho material do início do colonialismo, do genocídio de um povo e da escravidão, e por outro lado, da soberania haitiana legitimamente adquirida.

Segundo Forsdick, o Haiti estava mostrando sua vantagem graças à riqueza dos objetos expostos, mas também graças às muitas declarações, incluindo o famoso discurso de Frederick Douglass na abertura da exposição, em janeiro de 1893.<sup>11</sup> Grande admirador do Haiti, de 1889 a 1891, ele foi nomeado ministro residente e cônsul dos Estados Unidos no Haiti, de 1889 a 1891. Sua estadia no país levou à sua nomeação como comissário do pavilhão do Haiti. Seu discurso começou com elogios à República:

Meu tema é Haiti, a República Negra; a única República Negra autoidentificada do mundo. Devo falar-lhes de seu caráter, de sua história, de sua importância e de sua luta desde a escravidão até a liberdade e soberania. Devo falar-lhes de seu progresso na linha da civilização; de sua relação com os Estados Unidos; de seu passado e presente; de seu provável destino; e do rumo de seu exemplo como

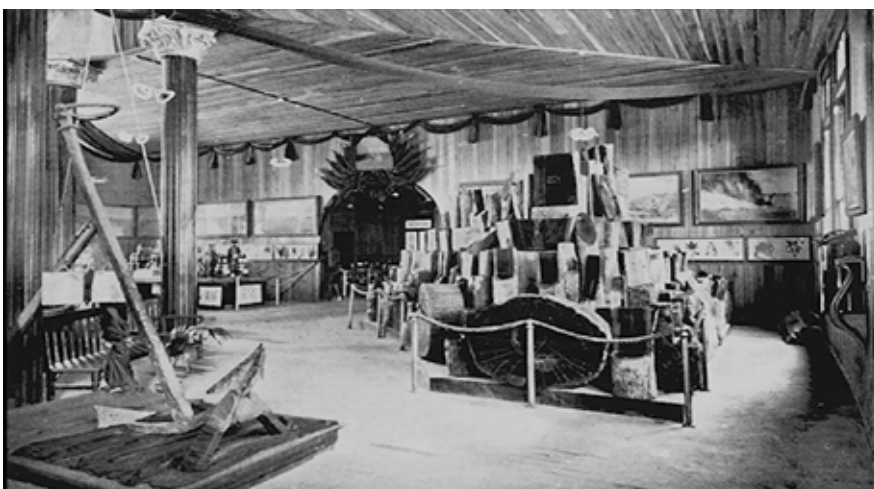
9 De acordo com Célius (2019: 4), o dia foi dedicado a Colombo.

10 Para mais detalhes sobre os itens expostos dentro do pavilhão do Haiti nessa exposição: ver Robert Gentil e Henri Chauvet 1893.

11 Autodidata afro-americano, nascido em 1818 e falecido em 1895. Ele foi um conselheiro especial do Presidente Abraham Lincoln e se distinguiu como orador e escritor.

uma República livre e independente, sobre o que pode ser o destino da raça africana em nosso próprio país e em outros lugares.<sup>12</sup>

Apesar de um discurso tão brilhante sobre o Haiti feito por Douglass, vamos perguntar por que ele como comissário? Por que uma tal escolha do governo de Hyppolite? Seu status de abolicionista ou admirador do Haiti é suficiente para ser comissário de uma exposição? Todas essas são questões que serão exploradas no contexto da pesquisa de doutorado.



Il. 1: Âncora do Santa Maria em exposição em Chicago

Uma vez terminada a exposição, a âncora foi devolvida ao Haiti para o Palácio Nacional. De fato, a âncora recebeu tratamento especial, não apenas pela visibilidade que ganhou na Feira Mundial de Chicago, o que a tornou um "objeto-referência" durante as visitas políticas ou diplomáticas. Ela se tornou parte do patrimônio haitiano.

No início do século XX, a âncora conheceria uma nova mudança. Foi transferida do Palácio Nacional para o primeiro museu estadual, o Palácio do Centenário (il. 2).<sup>13</sup>



Il. 2: O Palácio do Centenário

12 Discurso de Frederick Douglass em Chicago, <http://faculty.webster.edu/corbetre/haiti/history/1844-1915/douglass.htm>, acessado em 20 de maio de 2022.

13 Como seu nome sugere, o Palais du Centenaire (Palácio do Centenário) foi criado para marcar os cem anos da independência do Haiti pelo Presidente Pierre Nord Alexis (1820-1910). Foi inaugurado em 1º de janeiro de 1904, não na capital, mas em Gonaïves, cidade localizada 140 km ao norte de Porto Príncipe.



Em 8 de agosto de 1912, de fato, uma explosão destruiu o Palácio Nacional. Muitos objetos não apenas de natureza artística, mas sobretudo histórica, foram perdidos. O historiador Georges Corvington relata esse triste acontecimento em sua principal obra *Port-au-Prince au cours des ans* (Porto Príncipe ao longo dos anos). Ele observa que bustos de Dessalines e Toussaint Louverture, assim como a âncora da Santa Maria, foram danificados (Corvington, 1977: 263). Nessas circunstâncias, e após seu conserto por Émile Amédée, um artista de bricolagem, foi necessário mover a âncora (Corvington, 1977: 262). O artefato deixou, portanto, a capital haitiana para ser exibido em Gonaïves. O que pode ser retido dessa mudança é que a âncora finalmente se beneficiou de uma verdadeira exposição no museu. Foi uma estreia em território nacional.

Em 1939, após a demolição do Palácio do Centenário, a âncora foi transferida da Cidade da Independência para Porto Príncipe. Vários autores, incluindo Pierre Massoni, afirmam que o Palácio estava em estado de degradação, consumido pelo mofo, e que corria o risco de incendiar. A âncora foi então acompanhada de numerosos objetos, todos eles colocados no Museu Nacional recentemente criado pelo Presidente Sténio Vincent (1874-1959). Clovis Désinor, no *Haiti, Primeira República Negra do Novo Mundo. Son vrai visage* (1968) escreve que o dispositivo de apresentação da âncora no novo museu foi muito simples, mas que foi destacada como uma figura da história "medieval". Como em Chicago, a âncora foi exposta verticalmente em um suporte metálico. Três peças a cercaram: duas fotografias, dificilmente identificáveis na documentação visual disponível hoje (il. 3), e um busto à sua esquerda. A âncora domina a sala, mas deve-se notar que as obras que devem acompanhá-la não têm nenhuma conexão com a colonização espanhola. Existe, portanto, uma incoerência na cenografia. A instalação será mantida até a viagem da âncora para a península italiana em 1948.



Il. 3: Âncora SM em exposição no Museu Nacional. Circa 1939-1948

## A âncora de volta à Europa

O ano de 1948 marcava a reabertura da cultura italiana para o mundo exterior através de exposições e bienais. Dois anos mais tarde, em Gênova, foi realizada uma exposição sobre *Cristóvão Colombo e sua época*. O objetivo da exposição era destacar as façanhas do navegador genovês e celebrar o quinto centenário do nascimento de Colombo (Célius, 2019: 4). A âncora da Santa Maria foi um dos objetos dessa exposição.

Após deixar este continente mais de quatro séculos antes, a âncora voltou para a Europa. Recebida em triunfo, começou sua estadia no Consulado Geral do Haiti em Gênova diante de um público restrito, composto principalmente de italianos e do cônsul haitiano (il. 4). Note que essa é a única imagem em que a âncora está na posição horizontal, apesar de seu interesse histórico ser único e efêmero.



Il. 4: Âncora SM em exposição no Consulado do Haiti em Gênova



O objeto da herança haitiana em solo genovês parece ser uma "atração" aqui. De fato, os italianos podem ser vistos ouvindo atentamente as explicações do diplomata haitiano. Em seguida, a âncora participou de um desfile pelas ruas da cidade. O artefato foi exposto sozinho em uma carreta, cercado por motociclistas que garantiam sua segurança (il. 5). A âncora, nesse desfile, pode ser vista como um semióforo, para usar o termo do historiador Krzysztof Pomian (1987), ou seja, um objeto com uma especificidade factual que nos permite compreender como os traços materiais do passado são patrimonializados e dotados de historicidade.

Il. 5: Âncora SM em um desfile em Gênova



## Retorno ao Haiti e entrada no MUPANAH

Após a experiência italiana, a âncora voltou ao Museu Nacional, conhecido como Museu Sténio Vincent. Entretanto, por volta de 1960, este devia deixar o Champ-de-Mars para ser alojado na antiga residência do Presidente Paul-Eugène Magloire (1907-2001), no topo de Turgeau, onde permaneceu até a queda de Jean-Claude Duvalier em 1986 (Doucet, 2001: 59). Mais uma vez, a âncora é movida. A esse marco se acrescenta outro, muito significativo, que é importante relacionar aqui. Quando François Duvalier (1907-1971) morreu, seu filho herdou o poder e decidiu dedicar-lhe um mausoléu, a pedido de sua mãe Simone Ovide Duvalier (1913-1997). A ideia de um museu público se acrescentaria muito pouco tempo depois. Esse novo Museu da Nação deveria ser mais interativo do que as duas versões anteriores. Em 7 de abril de 1983, o MUPANAH nasceu nesse contexto.

O novo museu deve ser dotado de uma coleção. Em 20 de outubro de 1982<sup>14</sup> foi emitido um decreto, estipulando a transferência de todos os fundos do Museu Nacional. Este vivia naquele momento uma existência sombria; sem público, estava privado de sua coleção, incluindo a âncora da Santa Maria (il. 6).

O MUPANAH é, portanto, o resultado do dismantelamento de dois museus públicos anteriores, o Palais du Centenaire e o Musée National Sténio Vincent. Além disso, Carlo Célius afirma que a concepção e o conteúdo do MUPANAH nos permitem apreciar o caminho percorrido desde os dois museus acima mencionados (Célius, 2019: 25).



Il. 6: Âncora da Santa Maria em exposição no MUPANAH

Desde o momento em que foi recebida no MUPANAH em 1983, a âncora não foi mais removida. Sua instalação na galeria dedicada ao período espanhol mostra uma nova leitura do objeto. A âncora é contextualizada não apenas por gravuras, penduradas de forma linear, que ilustram a vida dos nativos e do seu genocídio,

<sup>14</sup> Ver Le Moniteur, 21/10/ 1982.

mas também por uma armadura espanhola e o retrato de Colombo. Essa cenografia está de acordo com a museografia do todo. Dito isto, qualquer que seja a fórmula narrativa escolhida, a âncora agora testemunha a intrusão da "adversidade" no Haiti, para não dizer em todo o Caribe. Por fim, essa ligação fortaleceu ainda mais seu status como ícone no seio da coleção do museu ou, para retomar o museólogo Yves Bergeron, do "objeto-referência" (Bergeron, 2016: 3).

É interessante notar que houve outras exposições em que a âncora poderia ter sido encontrada, mas não foi. Vale a pena dar alguns detalhes sobre as circunstâncias. Em 1992, duas importantes exposições foram dedicadas ao quinto centenário da travessia de Colombo. Uma delas foi realizada em Sevilha, de 20 de abril a 12 de outubro de 1992, intitulada *A Era da Descoberta*. A segunda foi organizada em Gênova, de 15 de maio a 15 de agosto de 1992, em torno de *Cristóvão Colombo, o navio e o mar*. A âncora se destacava por sua ausência em ambos. Gérald Alexis, curador do MUPANAH na época, respondeu em uma entrevista em 20 de dezembro de 2019 que "primeiro, o Haiti estava sob um embargo internacional. Não poderíamos correr o risco de enviar a âncora sem que ela nos fosse devolvida. Em segundo lugar, naquela época, nenhuma companhia de seguros teria aceitado cobrir esse tipo de embarque do Haiti".

## Conclusão

Este artigo tentou traçar a história da âncora do Santa Maria em uma abordagem que não é apenas antropológica e material, mas também biográfica. A âncora tem sido dotada de uma aura, no sentido de Walter Benjamin, desde o seu deslocamento de Caracol para a sua casa atual, o Museu Nacional do Panteão Haitiano. O rastreamento das diferentes etapas de sua vida social e material mostra que ela mudou em uso, valor e significado. Durante essa história, notamos as diversas participações em exposições internacionais, relocações em nível nacional e readaptações.

A âncora, colocada verticalmente sobre uma base circular, aparece tanto como o testemunho material de uma ideologia como um instrumento de destruição de toda uma população. No final da história desse objeto, ele adquiriu o status de testemunha de um período sangrento da história do Haiti.

## Referências

- Appadurai, Arjun, *The social life of things. Commodities in Cultural Perspective*, Londres-New York: Cambridge University Press, 1986.
- Asquith, Wendy. (2018), "The Art of Postcolonial Politics in the Age of Empire: Haiti's Object Lesson at the World's Columbian Exposition", *Historical Research*, vol 91, nº 253 (2018): 528-553.
- Augustin, Jean Ronald, *Mémoire de l'esclavage en Haïti. Entrecroisement des mémoires et enjeux de patrimonialisation*. Quebec : tese de doutorado (etnologia e patrimônio), Universidade Laval, 2016.



- Avril, Prosper, *Le Mupanah, un monde à découvrir*. Port-au-Prince : Imprimeur, S.A., 2013.
- Balard, Michel (ed.), *Christophe Colomb : Journal de bord 1492-1493*. Paris : Imprimerie Nationale, 2003.
- Benjamin Walter, *L'œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique*. Paris : Éditions Allia, 2012.
- Bergeron, Yves, "À la recherche des 'objets phares nationales' dans les musées", *Conserve-ries mémorielles*, n° 19 (2016) : 2-6.
- Célius, A. Carlo, "Le musée, le passé et l'histoire", dans *Muséologie - un champ de connaissance*. ICOFOM Study Series *Muséologie et Histoire*, n° 35 (2016) : 164-173.
- Célius, A. Carlo, "Musée et régime patrimonial en Haïti ». Texto inédito, 2019 : 1-36.
- Charlier Doucet, Rachelle, "Les musées en Haïti", *Conjonction*, Port-au-Prince, n° 206 (2001): 57-73.
- Corvington, Georges, *Port-au-Prince au cours des ans. La métropole haïtienne du XIXe siècle (1888-1915)*. Port-au-Prince : Imprimerie Henri Deschamps, 1977.
- Corvington, Georges, *Port-au-Prince au cours des ans. La capitale d'Haïti sous l'occupation (1922-1934)*. Port-au-Prince : Imprimerie Henri Deschamps, 1987.
- Desinor, M. Clovis, *Haïti, Première République Noire du Nouveau Monde. Son vrai visage*, Paris, Éditions Delroisse, 1968.
- Douglass, Frederick, *Discurso em Chicago*, <http://faculty.webster.edu/corbetre/haiti/history/1844-1915/douglass.htm>.
- Dugué, Donald, *Exposé général de la situation de la République d'Haïti*, Port-au-Prince, Imprimerie de la jeunesse, 1893.
- Forsdick, Charles, "Exhiber Haïti : la race remise en question durant l'exposition universelle colombienne de 1893", dans Nicolas Bancel et al., *L'invention de la race*. Paris : La Découverte, 2014.
- Gentil, Robert & Henri, Chauvet, *Haïti à l'Exposition Colombienne de Chicago*. Port-au-Prince : Imprimerie J. Chenet, 1893.
- Latour, Bruno, "Une sociologie sans objet ? Note théorique sur l'inter-objectivité", dans *Sociologie du travail*, n°4 (1994) : 587-607.
- Massoni, Pierre, *Haïti, reine des Antilles*. Paris : Nouvelles éditions latines, 1955.
- Morisson, E. Samuel, "The Route of Columbus Along the North Coast of Haïti, and the Site of Navidad", *Transactions of the American Philosophical Society*, n° 4, vol 31 (1940): 239-285.
- Musée du Panthéon National Haïtien. *Les Trésors de la République*. Port-au-Prince : Grissom Company, 2017.
- Nau, Émile, *L'Histoire des caciques d'Haïti*. Paris : Gustave Guérin, 18942.
- Paret, Robert, "Le MUPANAH et la promotion des valeurs historiques et culturelles", *Museum International*, n°62 (2010): 39-45.
- Pomian, Krzysztof, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe-XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1987.
- Saint-Mery, Moreau, *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie Ouest de l'Isle de Saint-Domingue* (1a ed. 1798). Paris: Société Française histoire d'outre-mer, 1984.